

## Lição Perdida...

Raul Pilla 57

O PASMOSO reerguimento da Alemanha Ocidental deve-se à acertada e corajosa política econômica e financeira do professor Ludwig Erhard. Outros fatores, porém, concorreram poderosamente para êle. Em primeiro lugar, a capacidade de trabalho e o espírito de sacrifício do povo alemão, a êste respeito excepcionalmente dotado. Sem muito esforço, nenhum povo se levanta da miséria. Outro fator importante foi a ajuda norte-americana. A Alemanha recebeu, de acôrdo com o plano Marshall, um bilhão e quatrocentos e setenta e três milhões de dólares, isto é, pouco menos da metade da cota francesa, com um quociente de 29 dólares por alemão, contra o de 72 dólares por francês. Assim, se o auxílio dos norte-americanos foi precioso, e os alemães não o esquecem, decisiva foi a maneira como êstes souberam utilizá-lo.

Cabe aqui uma reflexão. São os Estados-Unidos uma espécie de parente rico — rico e generoso — neste mundo convulso e arruinado. Todos, principalmente os mais chegados, se julgam com direito a grandes auxílios e se queixam, quando não atendidos de acôrdo com os seus desejos. Entretanto, ninguém, por mais rico e generoso, tem gosto em ver desperdiçado o que é seu. Isto explica a diferença entre o tratamento dispensado a povos como o alemão, feridos pela desgraça, mas capazes de lutar contra ela, e o que recebem outros povos, incapazes de sair da crônica desordem em que vivem.

Apesar do precioso e vital auxílio, foi prodigiosa a luta sustentada por Erhard. Tinha êle de combater contra a tendência nacional de organizar as coisas recorrendo ao Estado. Os socialistas tratavam-no por ignorante e demente. E os aliados, levados pela mesma tendência, duvidavam do acôrto da sua política. «Os meus peritos — disse severamente a Erhard um alto comissário aliado — dizem-me que o que acabais de fazer é uma loucura...» «Pois os meus — respondeu o alemão — dizem-me a mesma coisa...»

Como geralmente acontece, contra os técnicos tinha razão o político de visão larga e desimpedida. «Erhard — nota Raymond Cartier — não contrariava somente uma necessidade aparente, contrariava também todos os dogmas do momento. Os belos espíritos do mundo inteiro explicavam que a liberdade econômica era uma idéia morta, que a concorrência era um arcaísmo e que o presente, sem falar no futuro, pertencia às economias planificadas».

Aqui está, pois, uma lição preciosa, mas lição que tudo demonstra sermos incapazes de aproveitar, afundados, como estamos, na irresponsabilidade e na demagogia. O Brasil já foi um país de abundância. A partir da adoção do intervencionismo econômico, em 1930, passou a ser, cada vez mais, um país de carência.

— "Não me parece ainda oportuno comentar a anunciada manifestação da Convenção do Partido Trabalhista contra a reforma parlamentarista. Neste momento ainda se ignoram os seus textos. Entretanto, desde já é possível contestar a declaração atribuída ao líder Batista Ramos: haver no movimento muito de golpismo e pouco de parlamentarismo. Mas a verdade do atual movimento parlamentarista começou na Assembléia Constituinte e até hoje não cessou, e, pelo contrario, se veio reforçando através de governos tão diversos, como os dos srs. Eurico Dutra, Getúlio Vargas, Café Filho e Juscelino Kubitschek. Golpe contra quem seria então? Somente neste país e nesta ainda mais triste democracia uma reforma como a parlamentarista poderia considerar-se golpe. Seria uma revolução se feita a mão armada; feita, porem, por via constitucional, não passa de uma reforma ampla e profunda, mas simples reforma. Creio, porem, compreender porque o sr. Batista Ramos a denomina "golpes". Mobilizando, democratizando a vida pública, a reforma parlamentarista poderia vir a desapossar os atuais senhores do país. A subconsciência fala algumas vezes mais alto do que a consciencia. Sim a reforma seria, efetivamente, um golpe..."